

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO

BRUNA MAYUMI YAMAGUTI MEDEIROS

Memorial do produto

**BRASÍLIA AMARELA: UM WEBDOCUMENTÁRIO SOBRE A
COMUNIDADE NIPO-DESCENDENTE DO DISTRITO
FEDERAL**

Brasília
2021

BRUNA MAYUMI YAMAGUTI MEDEIROS

**BRASÍLIA AMARELA: UM WEBDOCUMENTÁRIO SOBRE A COMUNIDADE
NIPO-DESCENDENTE DO DISTRITO FEDERAL**

Trabalho de Conclusão de Curso, do tipo produto de comunicação, apresentado no Departamento de Jornalismo, da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, como requisito para receber o título de Bacharel em Jornalismo;

Orientadora: Susana Madeira Dobal Jordan

Co-orientadora: Célia Kinuko Matsunaga Higawa

Aprovado em: 9 de novembro de 2021

BANCA EXAMINADORA

Professora Nathália Coelho da Silva

Professor Eduardo Bentes Monteiro

Brasília

2021

RESUMO

O trabalho a seguir é um projeto experimental do tipo Produto de Comunicação para Conclusão de Curso em Jornalismo na Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília. O produto final tem como objetivo dar visibilidade para as famílias nipo-descendentes residentes no Distrito Federal, contar suas histórias, abordar questões de pertencimento e preconceito e mostrar a riqueza da cultura que se construiu com a mesclagem dos costumes japoneses e brasileiros. A pesquisa teórica foi embasada a partir de conceitos do jornalismo, da fotografia e do webdocumentário, além de definições importantes sobre memória afetiva, identidade e imigração. A partir do referencial teórico e pesquisa inicial sobre o tema, a metodologia empregada para a elaboração do produto final, um webdocumentário, consiste na captação e de entrevistas audiovisuais, fotografias dos personagens, seus objetos e seu cotidiano e edição do material em um site. Como resultado, pretende-se criar uma narrativa acolhedora e afetiva, que se adeque ao formato interativo digital, desperte a empatia do público e que possibilite, também, uma continuidade posterior à defesa do trabalho.

<https://www.brasiliamarela.com/>

Palavras-chave: Imigração japonesa, jornalismo, Brasília, Distrito Federal, webdocumentário, fotografia, nipo-descendente, memória, fotojornalismo, webjornalismo

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO	3
2. PERGUNTA DE PESQUISA E DEFINIÇÃO DOS OBJETIVOS	6
2.1. PERGUNTA DE PESQUISA.....	6
2.2. OBJETIVO GERAL.....	6
2.3. OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	6
3. JUSTIFICATIVA	7
4. REVISÃO TEÓRICA	10
4.1 FOTOGRAFIA DOCUMENTAL	10
4.2 WEBDOCUMENTÁRIO	12
4.3 WEBDOCUMENTÁRIO E JORNALISMO.....	13
4.4 IDENTIDADE.....	14
4.5 MEMÓRIA AFETIVA.....	15
5. CONTEXTUALIZAÇÃO	17
5.1 IMIGRAÇÃO JAPONESA NO BRASIL	17
5.1.2. A VINDA PARA O DF	18
5.2 XENOFOBIA E PRECONCEITO	19
5.3 CULTURA E MISCIGENAÇÃO	21
6. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	23
6.2. ETAPAS DE PESQUISA	23
6.1.1 Fase 1 - Coleta de informações	23
6.2.2 Fase 2 - Gravações e edição do material.....	24
6.2.3 Fase 3 - Criação do webdocumentário.....	25

6.2.3. 1 Esquema de navegação.....	26
6.2. CRONOGRAMA E CONTEÚDO.....	33
6.4. ORÇAMENTO.....	34
7. CONCLUSÃO	34
REFERÊNCIAS	36
ANEXOS	39

1. Apresentação

Na manhã do dia 18 de junho de 1908, chegava ao Brasil o navio Kasato Maru, trazendo à bordo os primeiros 781 japoneses em busca de melhores condições de vida e de trabalho (GENOLEZE e YAMANAKA, 2008).

A partir de então, centenas de outros navios vindos da Terra do Sol Nascente ancoraram em areias brasileiras. Segundo publicação especial da revista Nippo, em comemoração aos 112 anos da imigração japonesa, estima-se que mais de um milhão e meio de descendentes nipônicos vivem no Brasil hoje. Essa população, que aumenta a cada ano, representa a maior comunidade de descendentes de japoneses fora do Japão. (NIPPO, 2020).

Anos após a primeira onda de imigração, as famílias japonesas que se estabeleceram em diferentes regiões do Brasil cresceram. Dos filhos, vieram netos, bisnetos e tataranetos. Este trabalho visa investigar os motivos que trouxeram os imigrantes até o centro do país e o porquê de escolherem se estabelecer no Distrito Federal. Quais atividades desempenharam ou ainda desempenham? Qual é a história por trás do movimento migratório em direção à capital federal? Como foi a experiência das famílias nipo-descendentes no processo de adaptação a uma nova cultura?

Quero ainda trazer reflexão sobre os efeitos da imigração japonesa, que vão desde uma rica miscigenação cultural, até o preconceito e a xenofobia que podem sofrer os indivíduos vindos de outro país. Além disso, criar uma narrativa que possibilite a essas pessoas se reconhecerem como integrantes da sociedade brasileira e, ao mesmo tempo, valorizar a cultura de origem delas. O produto final deve dialogar com a história dos nipo-descendentes e exaltar a individualidade e a trajetória de cada uma das famílias entrevistadas.

Nas famílias nipo-descendentes, as ceias de Natal e ano-novo celebram o melhor dos dois mundos. Na mesa, é possível escolher entre a típica farofa brasileira ou o sushi japonês com molho *shoyu*.

Na casa dos meus avós maternos, Dona Rosa Midori e Sr. Fernando Massakatsu, por exemplo, estátuas de budas se misturam com imagens de santos do catolicismo. Na decoração, uma gueixa de porcelana vinda do Japão e uma galinha d'angola de gesso, com os dizeres 'lembrança de Salvador, BA', enfeitam a mesma estante. Nos churrascos de domingo, carne, feijão tropeiro e, para acompanhar, bolinhos de arroz embrulhados com a alga marinha *nori*.

Essa interessante mesclagem configura boa parte da vivência de algumas das famílias de nikkeis no Brasil. Para entender de que forma essa mistura se faz presente na vida dos integrantes dessas famílias e, paralelamente, qual a relevância da permanência de certos valores e costumes culturais japoneses nas vidas dos asiáticos-brasileiros é fundamental para que se conheça, também, a importância da miscigenação para a compreensão dessas pessoas enquanto indivíduos singulares e, ao mesmo tempo, grupais.

O critério para a seleção de famílias é baseado na história de seus integrantes e de que forma suas trajetórias convergem na história do Distrito Federal. Quis mostrar como os nipo-descendentes contribuíram para a formação da capital e o que viveram para chegarem até Brasília. Dar visibilidade para essas pessoas e suas histórias de vida e de luta configura um de meus principais objetivos.

Como recurso para representar um grupo social, escolhi o webdocumentário. Acredito que, por meio de um site, é possível promover um encontro único entre público, entrevistados e produto. Uma mistura do meu olhar com o olhar do outro, uma arte que mescla perfeitamente realidade com subjetividade, individualidade com cumplicidade.

2. Pergunta de pesquisa e definição dos objetivos

2.1 Pergunta de pesquisa

Como se caracterizam as famílias nipo-descendentes residentes no Distrito Federal?

2.2 Objetivo geral

Mostrar como se caracterizam as famílias nipo-descendentes residentes no Distrito Federal a partir do uso da fotografia, de entrevistas e da montagem de um site que dialogue com os personagens e com o público.

2.3 Objetivos específicos

- Produzir uma reportagem, no formato de webdocumentário, contendo fotografias e vídeos de membros das famílias a serem entrevistadas, seus objetos e sua cultura;
- Descrever o movimento migratório de famílias nipo-descendentes em direção ao Distrito Federal;
- Entender de que forma as culturas brasileira e japonesa dialogam entre si;
- Disponibilizar informações sobre o assunto que sejam acessíveis para o público geral;
- Investigar sobre micro agressões e xenofobia contra pessoas da raça amarela;

- Criar uma narrativa que remeta à memória afetiva dos entrevistados e desperte no público o sentimento de empatia.

3. Justificativa

Meus bisavós maternos vieram do Japão para o Brasil quando meus avós ainda eram crianças. Para buscar melhores condições de vida, eles embarcaram em um navio com direção ao lugar que acreditavam ser melhor para se viver com a família. Esse navio era chamado de “Rio de Janeiro Maru”.

Um dos meus tios-avôs nasceu no Japão. O outro, nasceu no caminho e tem dupla nacionalidade. Meu avô nasceu no Brasil e, quando pergunto se ele tem vontade de conhecer o Japão, responde “Nem um pouco. Eu gosto demais do Brasil”. Apesar de ter costumes tipicamente japoneses, aqui é o lar do Sr. Fernando Yamaguti. Mais especificamente, em uma casinha na parte norte de Taguatinga-DF.

Desde pequena, tive contato com a cultura japonesa, desde a culinária, que minha avó nos ensinou com muito carinho, até os hábitos, como colocar bolinhos de arroz nas estantes para dar sorte no ano novo. Essas tradições não apenas remetem à minha ancestralidade, como também sempre permitiram que eu me sentisse parte de alguma coisa. É uma cultura que sempre me foi muito acolhedora, um porto seguro, algo que independente do que acontecesse, ninguém poderia tirar de mim.

Inspirada na história da minha família, escolhi como tema para trabalhar o meu projeto final a comunidade nipo-brasileira residente no Distrito Federal.

Ao ingressar na faculdade de jornalismo, sempre acreditei que minha meta era ir além de informar. Para mim, a empatia é uma das maiores qualidades que um ser humano pode ter e, por esse motivo, deve ser a característica essencial de um jornalista. Com o meu projeto, quero contribuir com o conhecimento acerca do movimento migratório dos descendentes de japoneses no Brasil, criando um produto que dialoga tanto com o público, quanto com os

personagens da narrativa. Através dos recursos da comunicação busco, além de informar, despertar reflexões acerca de assuntos que envolvem a imigração japonesa e possibilitar ao leitor uma ponte que o conecte, de forma genuína, com quem está do outro lado da reportagem.

Há pouco mais de um ano, comecei a estudar e me politizar mais acerca de questões raciais envolvendo a etnia amarela. As micro agressões contra pessoas de ascendência asiática, infelizmente, são muito mais comuns do que se imagina. Vendo alguns relatos na internet, pude ter contato com realidades diferentes, mas com as quais me identifiquei muito. A partir de “brincadeiras” que sempre fizeram comigo ou com minha família – e que nós ignorávamos, mesmo constrangidos – hoje posso fazer uma leitura diferente. Ouvi depoimentos de outros imigrantes e descendentes de imigrantes para saber como se sentem e dar voz ao sentimento deles.

Para contextualizar acerca do preconceito e da xenofobia contra os asiáticos, decidi começar por um fator que marcou o ano de 2020 e que desnudou, de forma acentuada, as micro agressões sofridas por essas pessoas: a pandemia do novo coronavírus.

Era dezembro de 2019 quando o primeiro caso de infecção pelo novo coronavírus foi confirmado em Wuhan, na China. Antes de se tornar uma pandemia mundial, pouco se sabia sobre os sintomas, formas de contágio, sequelas ou qualquer outra informação relacionada à Covid-19, doença que mudou a situação do planeta em questão de meses. O mundo estava em alerta e o foco de todas as atenções estava na capital chinesa. Hoje, quase dois anos depois, o cenário mudou, com o foco deixando de ser asiático, para ser global.

No entanto, não é raro escutar falas de que os culpados são os chineses e sua cultura. “Porcos” e “sujos” foram as palavras que mais escutei ou li nas redes sociais, geralmente acompanhadas de vídeos ou fotos de uma sopa de morcego. A tal sopa circulou em vários celulares Brasil afora, mas não dizia respeito à China. Tratava-se de imagens feitas em 2016 por uma blogueira em sua viagem ao Palau, um arquipélago no Oceano Pacífico. Além disso, não existe qualquer comprovação científica de que o novo coronavírus tenha origem nos morcegos.

Essa *fake news* foi apenas a ponta do *iceberg* de uma série de outros casos envolvendo xenofobia contra pessoas da raça amarela que iriam aparecer. Ainda hoje, é possível escutar falas xenofóbicas que culpam não apenas os chineses, mas todos os asiáticos, que são colocados como os grandes vilões da pandemia.

Mesmo desmentida, a notícia da sopa de morcegos ainda repercutiu por um bom tempo e algumas pessoas se negaram a aceitar que o que elas escolherem acreditar como verdade, não era verdade. Michiko Kakutani (2016) cita Boorstin ao dizer que as pessoas estão pouco interessadas em saber se algo é ou não um fato, mas sim, se é ou não conveniente acreditar nele.

A partir disso, quero entender de que forma os nipo-brasilienses se sentem inseridos na sociedade e se sofrem, ou já sofreram, algum tipo de preconceito ou xenofobia devido às suas características étnicas e físicas. Dessa forma, quero mostrar a individualidade de cada um e de cada família. Mostrar seus costumes, tradições, histórias e obstáculos. Entender e explicitar, também, de que maneira a cultura japonesa e a brasileira se mesclaram com a imigração.

As famílias escolhidas fazem parte de uma comunidade maior de imigrantes. O critério que usei para selecioná-las foi, primeiro, o de que gostaria de conhecer mais sobre minhas origens e, por isso, escolhi a família Yamaguti para começar.

Depois, a família Matsunaga, por ser a fundadora da Viação Pioneira, a primeira empresa de ônibus de Brasília. Em seguida, a família Kahi, por terem criado o Templo Shin Budista de Brasília. Por fim, a família Kanegae, por sua participação importante na história da agricultura em terras brasilienses.

Vale destacar que a divulgação correta de informações contribui para produzir sentimento de empatia e combater preconceitos, razão pela qual quis trazer mais dados sobre a imigração japonesa e a história de vida dos imigrantes, com o objetivo de humanizar e dar visibilidade a pessoas reais, que também fazem parte da história do Distrito Federal.

Por meio de fotografias, vídeos e entrevistas, quis promover um verdadeiro encontro, um diálogo sincero com empatia e identificação. Por meio da internet, criei um site no qual as pessoas podem navegar à sua maneira, com seu próprio olhar. Porém, o olhar do outro se mescla com o meu e com o dos personagens, tão diferentes e, ao mesmo tempo, tão semelhantes.

4. Revisão Teórica

4.1 Fotografia documental

Para representar um grupo étnico e social, escolhi a fotografia como um dos recursos. Segundo o autor Jorge Pedro Souza (2002), o fotojornalismo é uma atividade singular que usa a fotografia como um veículo de observação, de informação, de análise e de opinião sobre a vida humana e as consequências que ela traz ao planeta. A fotografia jornalística mostra, revela, expõe, denuncia, opina.

A fotografia documental, por outro lado, é muito mais do que uma representação da realidade. Segundo comentário de Roland Barthes sobre o retrato, “[...] a fotografia é o advento de mim mesmo como outro: uma dissociação astuciosa da consciência de identidade” (BARTHES, 1984, p 25).

Assim, ao utilizar o recurso da fotografia documental, aliada a entrevistas e pesquisa de material histórico, pretende-se justamente promover uma consciência de identidade ao retratar pessoas únicas, com histórias e trajetórias únicas, mas que fazem parte de um grupo maior. Por meio de retratos e registros do cotidiano, serão trazidas, portanto, representações que se adequem aos entrevistados, enquanto grupo e enquanto indivíduos com características singulares.

Além disso, a partir da fotografia, é possível criar uma relação afetiva com a memória, remetendo a momentos importantes que foram eternizados através da imagem.

“[...] a fotografia traz consigo o âmago da veracidade incontestável dos fatos por ela registrados. Por isso, no íntimo da palavra, as duas, memória e fotografia se (con)fundem, são uníssonas, uma está contida na outra, estão intrinsecamente ligadas, fundamentalmente “enamoradas”. (FELIZARDO; SAMAIN, 2007)

Por esse motivo, pretende-se, além de fotografar o presente, registrar também o passado. Fazer um “registro do registro” a partir dos álbuns de fotografias já existentes, para estabelecer uma relação ainda mais próxima com os entrevistados e suas histórias de vida e ajudar a criar assim uma ideia geral sobre a questão da imigração japonesa a partir de alguns dos seus personagens.

Segundo Bourdieu (1965), há o seguinte significado para os álbuns de família:

A galeria de retratos democratizou-se e cada família tem, na pessoa do seu chefe, o seu retratista. Fotografar as suas crianças é fazer-se historiógrafo da sua infância e preparar-lhes, como um legado, a imagem dos que foram... O álbum de família exprime a verdade da recordação social. Nada se parece menos com a busca artística do tempo perdido do que estas apresentações comentadas das fotografias de família, ritos de integração a que a família sujeita os seus novos membros. As imagens do passado dispostas em ordem cronológica, “ordem das estações” da memória social, evocam e transmitem a recordação dos acontecimentos que merecem ser conservados porque o grupo vê um fator de unificação nos monumentos da sua unidade passada ou, o que é equivalente, porque retém do seu passado as confirmações da sua unidade presente. É por isso que não há nada que seja mais decente, que estabeleça mais uma confiança e seja mais edificante do que um álbum de família: todas as aventuras singulares que a recordação individual encerra na particularidade de um segredo são banidas e o passado comum ou, se se quiser, o mais pequeno denominador comum do passado tem o brilho quase presunçoso de monumento funerário freqüentado assiduamente (BOURDIEU, 1965, p.53-54, apud FELIZARDO; SAMAIN, 2007, p. 213)

A fotografia funciona, então, como um importante elemento integralizador da memória visual, que pode ser individual ou coletiva. Memória individual são os acontecimentos vivenciados pelo indivíduo, já memória coletiva são os acontecimentos presenciados pelo grupo ao qual a pessoa pertence, ou pela comunidade a qual ela está inserida. (FELIZARDO; SAMAIN, 2007).

Ela [a fotografia] suscita e ressuscita sentimentos. Esta é uma qualidade inexorável da fotografia que independe de seu tempo e do modo como foi produzida e pode atuar tanto na memória individual quanto na coletiva. Em nível individual, uma fotografia pode reavivar sentimentos antes esquecidos, relativos a um momento ou a uma presença que não está mais entre nós, ou trazer, por instantes, sensações vividas em determinada época e que já não existem mais; ela cumpre o seu papel na rememoração, na reminiscência e na redescoberta dos fatos. (FELIZARDO; SAMAIN, 2007, p.205-220)

Uma imagem revelada pode despertar sentimentos adormecidos ou provocar novas sensações, além de promover um encontro genuíno com o outro. Essa relação pode se dar

entre fotógrafo e fotografado; fotografado e fotografia; ou até mesmo entre pessoas de fora da fotografia com a fotografia. As fotos são detentoras de vida e sentimentos próprios, que podem ser interpretados de maneiras diferentes a depender do olhar direcionado a elas, tanto no momento em que são tiradas, quanto depois, quando são reveladas.

4.2 Webdocumentário

De acordo com André Paz e Julia Salles (2013), o webdocumentário possui características próprias que o diferenciam do documentário cinematográfico. Além da digitalização, que os autores descrevem como característica necessária, mas não suficiente para definir o webdocumentário, está a interatividade. Ao contrário do documentário linear, no webdocumentário há uma relação criativa entre o público e o conteúdo disponibilizado. As pessoas podem clicar, navegar e escolher o que virá a seguir enquanto exploram as diferentes possibilidades na interface.

A interatividade transforma o documentário de tal forma que ela exige uma reconsideração estética do mesmo. É necessário um esforço de redescrição criativa de um novo vocabulário de referências teóricas para interpretar as obras e potencializar suas possibilidades de realização (PAZ, SALLES, 2013, p. 32)

Essa possibilidade de interação com a obra é o que norteia o webdocumentário, juntamente com a história que está ali sendo narrada. “Nesse sentido, a interação transforma a natureza da experiência do então espectador na medida em que o seu corpo é convidado a agir fisicamente dentro da obra” (PAZ, André; SALLES, Julia, 2013).

Assim, através das diferentes ‘sessões’ que integram a narrativa, é possível incluir elementos hipermediáticos e de diferentes formatos em um webdocumentário, tais como áudio, vídeo, fotografia, links, cartas antigas, álbuns de família, música etc. Segundo Ribas:

Desmaterializados os registros, que vão desde uma matéria antiga de jornal recuperada, até depoimentos captados em vídeo e áudio, o Web Documentário organiza as informações de maneira a oferecer níveis de aprofundamento e interatividade ao receptor, sem a predominância de um formato sobre outro. Junto a isso, a convergência de formatos e a capacidade praticamente ilimitada de armazenamento de dados facilmente recuperáveis, conferem a distinção entre um Web Documentário e um documentário produzido para vídeo, cinema ou televisão. (RIBAS, Beatriz, 2003, p. 7)

Como resultado, é possível definir o Webdocumentário jornalístico como “uma obra aberta, baseada na realidade, construída no tempo dos acontecimentos pelo autor e por seus usuários/leitores” (RIBAS, Beatriz, 2003).

4.3 - Webdocumentário e jornalismo

De acordo com Canavilhas (2003), o pressuposto “nós escrevemos, vocês lêem”, em relação ao jornalismo, pertence ao passado. Hoje, a interatividade, graças ao mundo digital, é um dos recursos mais utilizados por jornalistas para atrair o público e informar de forma didática, dinâmica e adaptada ao estilo de vida moderno.

Dessa forma, a internet possibilitou novas formas de narrativa. Segundo Emerim e Cavenaghi, “somente a internet conseguiu agregar o impresso, a rádio, as emissoras de TV e as outras formas comunicativas como as charlas comuns de inúmeros seres anônimos que sem a internet nunca teriam tido voz nem vez na sociedade midiática mais tradicional” (EMERIM e CAVENAGHI, 2012, p.2).

As autoras explicam que, além dos jornais se apropriarem da web, a internet também provocou um “embaralhamento nas fronteiras, até então bem definidas, entre os demais meios” (2012). Assim, teve início a multimídia - característica marcante, também, do webdocumentário - do jornalismo, utilizada neste trabalho para reportar histórias de famílias que ajudaram a construir a história do Distrito Federal.

Leila Nogueira (2003) descreve as fases em que se divide o webjornalismo audiovisual. São elas: a contemplativa, a participativa e a construtiva. Segundo Emerim e Cavenaghi, estas fases consideram o grau de aproveitamento das ferramentas oferecidas pela web: multimídia, hipertextualidade, memória, interatividade e personalização (EMERIM e CAVENAGH, 2012).

Assim, webdocumentários surgem como uma forma de conectar produtor com “receptor” (embora ele interaja com o produto). O emissor da mensagem torna-se mais próximo do receptor. Ambos passam a participar ativamente de um produto que não depende

apenas de um ou de outro. Jenkins (2009) afirma que a transmediatização é “[...] uma nova estética que surgiu em resposta à convergência das mídias – uma estética que faz novas exigências aos consumidores e depende da participação ativa de comunidades de participação e de conhecimento.” (JENKINS, 2009, p. 49)

Oliveira traz uma interessante interpretação do webdocumentário aliado às práticas jornalísticas:

“O webdocumentário, no contexto do jornalismo, é pensado de maneira específica e não em linha de produção. Vários fatores contribuem para isso, entre eles, o tempo necessário para a sua produção. Esse produto se apresenta como uma narrativa que pode analisar determinado tema com mais profundidade, sendo uma força crítica da realidade. Além de formato noticioso, o webdocumentário é um produto cultural pensado para dar conta de um mundo. É mais uma chance de jornalistas narrarem a vida, atentos às lógicas do ambiente online em rede, que oferece distintas maneiras de organizar os elementos de uma história e de conquistar o engajamento e a adesão do público” (OLIVEIRA, 2017, p. 163).

4.4 Identidade

Segundo Tomaz Tadeu da Silva (2000), o conceito de identidade pode ser definido simplesmente por “aquilo que se é”, uma positividade, um fato autônomo. Já Stuart Hall (2000), tem uma visão diferente sobre o que a identidade, de fato, representa para o indivíduo:

“As identidades parecem invocar uma origem que residiria em um passado histórico com o qual elas continuariam a manter uma certa correspondência. Elas têm a ver, entretanto, com a questão da utilização dos recursos da história, da linguagem e da cultura para a produção não daquilo que nós somos, mas daquilo do qual nos tornamos. Tem a ver não tanto com as questões “quem nós somos” ou “de onde nós viemos”, mas muito mais com as questões “quem nós podemos nos tornar”, “como nós temos sido representados” e “como essa representação afeta a forma como nós podemos representar a nós próprios.””

(HALL, 2000, p. 108-109)

Sob essa ótica, é possível inferir que a identidade se relaciona não apenas com o que é intrínseco do ser humano, como nacionalidade e genética, mas com fatores externos que afetam diretamente na construção de sua história e sua forma de enxergar a si mesmo e os outros. Isso não significa, porém, que as questões “quem nós somos” e “de onde nós viemos” não sejam importantes. Elas fazem parte da construção da identidade e são importantes para o entendimento das sucessivas camadas que podem ser lidas e interpretadas a partir delas.

O nipo-brasileiro pode enfrentar muitas indagações acerca de sua identidade, como: “Eu sou brasileiro, mas minhas raízes são japonesas”. Ou, ainda, “sou japonês, mas criei raízes profundamente brasileiras. E agora?”.

Neste ponto, entra a questão “quem nós podemos nos tornar”, pontuada por Hall como uma das mais importantes na construção identitária. Quando chegou no Brasil, o japonês poderia ter várias possibilidades do que viria a se tornar, mas muitos tiveram suas liberdades cerceadas pela necessidade de sobrevivência.

Chegar em um país desconhecido representava não apenas uma oportunidade para mudar de vida, mas uma forma de assumir uma vida completamente diferente da anterior, na qual o objetivo principal era se adaptar. Com o tempo, a situação para os imigrantes começou a melhorar e as opções se mostraram mais amigáveis. Muitos se viram em profissões variadas: comerciantes, agricultores, marceneiros, costureiros e uma infinidade de outras formas de prosperar, tanto pessoal, quanto financeiramente.

“Como nós temos sido representados” e “como essa representação afeta a forma como nós podemos representar a nós próprios” são questões que reverberam não apenas no nipo-brasileiro, mas na maioria dos descendentes de asiáticos e outras nacionalidades estigmatizadas. Além de propagandas e filmes, que sempre reforçaram estereótipos explicitamente, a forma como o brasileiro representa o japonês acabou afetando no modo como ele vê a si mesmo e se relaciona com a própria imagem.

4.5 Memória afetiva

Olhar álbuns de fotografias antigas é como viajar no tempo com a alma. Segundo Araújo e Costa, “um dos traços mais comoventes do retrato é achar a identidade dos antepassados por meio do álbum de família. Ele tem uma relação com o tempo, a memória e a afetividade de quem o pertence”, (ARAÚJO e COSTA, 2019). Dessa forma, tirar fotos representa mais do que apenas registrar um momento.

Fotografias podem simbolizar uma conexão profunda de quem as tirou com quem foi fotografado, ou ainda despertar empatia de forma genuína em quem nada ou pouco tem a ver com a imagem documentada.

Em outros tempos, o hábito de copiar fotos em papel impresso era bem mais comum do que é hoje, na era digital. Ainda assim, as fotografias continuam sendo uma das formas preferidas das pessoas de eternizar memórias, visuais e afetivas.

“Em 1960, uma psicóloga americana chamada Magda B. Arnold descreveu em seu livro *‘Emotion and personality’* que as Memórias Afetivas são os arquivos da história da vida emotiva de cada pessoa, não gravando apenas fatos, mas as emoções contidas a ele” (ARAUJO e COSTA, 2019, p.5). Assim, é possível encontrar, na fotografia, um recurso para acessar as memórias afetivas de um indivíduo e, portanto, facilitar o processo de empatia, elemento fundamental em situações de entrevista, no caso do jornalismo.

As pessoas da família geralmente são protagonistas no que se refere ao resgate da memória afetiva, sendo os avós os grandes mediadores dessa estreita relação. Segundo Barros, eles representam a união entre antepassados e descendentes. Ou seja, os avós, ao reconstruírem suas histórias de vida, reconstroem também a história do modelo familiar, estabelecendo a identidade atual da família. (BARROS, 1989).

Para a autora, fotos de família resgatam no indivíduo uma sensação de acolhimento que precede a sua vinda ao mundo:

“Em algumas fotografias encontra-se sintetizado o sentimento de pertencimento à família ou a emoção da recordação de uma vivência passada. Algumas fotografias, mais que outras, trazem a síntese do que se pretende captar da imagem impressa no papel fotográfico. São estas as boas fotos. Na fotografia antiga do grupo de família, visualiza-se um modelo de família: a grande família cujas relações estão estabelecidas anteriormente à existência dos indivíduos particulares que a compõem (BARROS, 1989, p.39)

A fotografia é, então, mais do que um elemento integralizador da memória. Ela representa a união das pessoas pertencentes à família, seja 80 anos atrás, ou 80 anos no futuro. Segundo Mylius, a fotografia é importante para a reconstrução da memória e serve de base

para um sistema de reciprocidade onde os laços familiares e o sentimento de pertencimento ao grupo são reafirmados. (MYLIUS, 2000)

Além da fotografia, outros recursos visuais também podem ser ponte para a memória afetiva. Tomaim (2009) destaca o documentário como um “lugar de memória”, um dispositivo que, graças às suas pausas, silêncios, hesitações e sofrimentos, para além das intenções do cineasta, permite acessar sentimentos e lembranças que não precisam ou não podem ser traduzidos em palavras. Ao citar Walter Benjamin (BENJAMIN, 1985, apud TOMAIM, 2009), o autor diz que “quanto maior for a naturalidade com que os depoimentos dos atores sociais acontecem diante da câmera, mais facilmente a sua história será incorporada à experiência do espectador que, dificilmente, irá resistir a recontá-la”. (TOMAIM, 2009, p.68)

5. CONTEXTUALIZAÇÃO

5.1 A imigração japonesa para o Brasil

A imigração japonesa para o Brasil teve início em 18 de junho de 1908, quando o navio Kasato Maru trouxe à bordo os primeiros 781 japoneses em busca de melhores condições de vida e de trabalho .

No final do século XIX, a pobreza e a miséria assolaram o Japão. Para contornar a crise e o desemprego que cresciam no país, a Corte Imperial do país asiático firmou um acordo com o Governo de São Paulo para que os colonos japoneses se estabelecessem no Brasil por um período de 5 anos. O incentivo, aliado ao solo fértil brasileiro, atraiu os primeiros imigrantes, que passaram 50 dias cruzando os Oceanos Pacífico e Índico para finalmente chegarem em terras brasileiras, onde os ricos fazendeiros de café aguardavam ansiosos, uma vez que estavam com deficiência de mão-de-obra devido ao fim da escravidão.

O trabalho dos imigrantes nas fazendas cafeeiras, no entanto, durou pouco. As más condições de habitação e alimentação, aliadas à dificuldade de entendimento com os fazendeiros em função da língua e dos diferentes costumes, fizeram com que se iniciassem a

retirada e as fugas das fazendas. Quase todos os imigrantes se estabeleceram, no começo, no estado de São Paulo (SUZUKI, 1995).

Esses imigrantes, à princípio, não eram bem aceitos no Brasil, que prezava, na época, pela política do embranquecimento da população (SASAKI, 2009).

“Se por um lado o japonês era tido como um trabalhador exemplar dentre os trabalhadores imigrantes de várias nacionalidades, por outro, era tido como o mais inassimilável de todos os estrangeiros, o mais estrangeiro dos estrangeiros” (VAINER 1995:47 apud SASAKI, 2009).

No entanto, mesmo com a árdua situação nas fazendas e a rejeição encontrada na sociedade, os japoneses foram fundamentais para o desenvolvimento da agricultura familiar no Brasil. Alguns métodos e técnicas agrícolas foram aprimorados, apoiados pelo capital do governo japonês, fazendo com que o solo e o espaço fossem melhor aproveitados. Os imigrantes ganharam, então, notoriedade no campo através da produção (SILVA, 2013).

O prestígio nacional conquistado pelos colonos japoneses fez com que eles passassem a ser chamados para produzirem em diversas regiões do país, inclusive no Distrito Federal.

5.1.2 A vinda para o DF

No Distrito Federal, a história dos japoneses e de seus descendentes inicia-se em 1957, três anos antes da inauguração de Brasília, com a vinda de 60 famílias para trabalharem na produção de hortifrutigranjeiros (EMATER, 2008, p. 24 apud SILVA, 2013, p. 67). No início havia, sobretudo, incentivo estatal para que os japoneses viessem cultivar naquele que se considerava, à época, um péssimo solo. Acreditava-se que os imigrantes, com sua tecnologia, seriam capazes de cultivar em uma terra até então considerada infértil.

“Convidados diretamente pelo braço direito do Presidente da República na aventura da construção de Brasília, a maior dificuldade dos recém-chegados era mesmo domar as terras arredias do cerrado. Vencido esse primeiro desafio, os japoneses e seus descendentes encontraram na calma do Planalto Central um lugar ideal para se desenvolver, tanto material como culturalmente” (RIBEIRO, 2008, p. 10-11)

Assim, os *nikkeis*, como são chamados os imigrantes japoneses e seus descendentes, foram, aos poucos, migrando para o centro do país. Para alguns, o Distrito Federal representou uma nova tentativa. Várias famílias que haviam migrado para outros lugares e

não obtiveram sucesso, acabaram instalando-se no recém-criado Distrito Federal (WOORTMANN, 1995).

5.2 Xenofobia e preconceito

Segundo Crochík (1999), o preconceito é uma reação, uma resposta individual. No entanto, ele tem base em estereótipos, que são produtos da sociedade. Ninguém nasce **preconceituoso**, mas as raízes coletivas discriminatórias dão origem a comportamentos individualistas intolerantes, uma vez que, para se sentir incluso, o ser humano exclui.

Este conceito, portanto, relaciona-se com a definição de xenofobia, caracterizada pela rejeição ou pela aversão a pessoas ou coisas estrangeiras:

[...] Esse preconceito de classe se expressa em comportamentos que beiram o fascismo, destilando discursos de ódio e de repulsa ao “diferente”, ao/à estrangeiro/a, ao não familiar, vistos como ameaça à uma pretensa estabilidade da “ordem” e da economia mundiais. (SANTANA, 2009, p.8)

O ano de 2020 foi atípico para o Brasil e para o mundo. A pandemia do novo coronavírus fez com que a população mundial precisasse parar suas atividades para conter o avanço da Covid-19, doença fatal principalmente para idosos e pessoas com comorbidades. Como a cidade de Wuhan, na China, foi o primeiro local onde o vírus foi detectado, não demorou para alguns preconceitos contra asiáticos começassem a se acentuar e ganhar mais força.

Em fevereiro de 2020, uma estudante de direito nipo-brasileira publicou em seu Twitter um episódio de xenofobia vivido por ela no metrô do Rio de Janeiro. Segundo seu depoimento, uma das passageiras do vagão no qual ela se encontrava esperou que ela se dirigisse para a porta do veículo para gritar: “olha lá a chinesa saindo, sua chinesa porca”, “nojenta” e “fica aí espalhando doença para todos nós”. A vítima continua seu relato dizendo ter ouvido palavras ofensivas ainda mais sérias: “quando eu vejo um chinês, eu atravesso a rua”, “não compraria uma coca fechada desse povo, porque eles contaminam tudo”, “os coreanos, tailandeses e esse resto também são um horror!”, “invadem nosso país, roubam os empregos do nosso povo, espalham doenças”.

O jornalista Leonardo Sakamoto expôs o caso em sua coluna no portal UOL e falou sobre a onda de ataques contra pessoas amarelas, que estava ainda mais em alta na época do ocorrido:

“O preconceito e o ódio contra o estrangeiro se aliam à discriminação devido a características físicas, sociais e culturais de grupos étnicos. No Brasil, isso não é novo. Não raro passa despercebido por conta da integração dessas minorias à elite branca brasileira. Mas, inevitavelmente, elas são lembradas que nem toda diferença é tolerada. Por isso, soa estranho falar de racismo e xenofobia a orientais. Mas é preciso, pois diz respeito a um país que não consegue efetivar a dignidade como um valor coletivo” (SAKAMOTO, 2020)

O preconceito contra asiáticos, no entanto, não é uma questão apenas do século XXI, tampouco uma novidade trazida pela pandemia, que apenas desnudou uma realidade já vivida por milhares de asiáticos-brasileiros há muito tempo.

No período da primeira onda de imigração, final do século XIX e início do século XX, os imigrantes vindos do continente asiático eram indesejados e vistos como uma raça inferior:

Em 1880, Oliveira Martins, escritor e político português, chegou a publicar argumentos contra a imigração asiática afirmando que “a perigosa tentação de ir buscar braços a outro viveiro de raças inferiores prolíficas embriaga muitos espíritos”, e concluía com “um Brasil europeu e não asiático, uma nação e não uma colônia, eis aí o seguro porvir da Antiga América portuguesa”. Entre julho e agosto de 1892, o jornal Correio Paulistano publicou artigos de Francisco Cepeda que se referia aos asiáticos com expressões como “se a escória da Europa não nos convém, menos nos convirá a da China e do Japão”, e que “o chim é bom, obediente, ganha muito pouco, trabalha muito, apanha quando é necessário, e quando tem saudades da pátria enforca-se ou vai embora” (SATO, 2008 apud SILVA, 2013)

Essas afirmações de caráter racista parecem absurdas, mas com certeza encontram semelhanças com o presente. Em entrevista para a BBC News Brasil, o historiador Sören Urbansky frisou que o preconceito contra asiáticos não morreu no tempo:

“A expressão ‘perigo amarelo’ (usada no Ocidente como designação preconceituosa contra o Leste asiático a partir do século 19) pode parecer datada, mas definitivamente vemos que algumas narrativas tradicionais contra os chineses continuam hoje (...) Na situação de agora (do coronavírus), algumas representações na mídia e falas de políticos ou pessoas comuns certamente têm paralelos no passado”¹

¹ (URBANSKY, Sören. Coronavírus: como o surto está espalhando antigos preconceitos sobre a China e seus hábitos culturais. [Entrevista concedida a] Mariana Alvim. BBC News, São Paulo, 2020

Na atualidade política em que vive o país, a xenofobia ainda é endossada pelo próprio presidente do Brasil. No início do ano de 2020, Jair Bolsonaro direcionou uma fala racista para uma jornalista brasileira descendente de japoneses. Thays Oyama é autora do livro *Tormenta*, que trata sobre o primeiro ano de mandato do atual governo. Ao ser perguntado sobre um trecho presente no livro, o presidente disse: “Esse é o livro dessa japonesa, que eu não sei o que faz no Brasil, que faz agora contra o governo”. No mesmo dia, ele ainda completou: “Lá no Japão ela ia morrer de fome com jornalismo, escrevendo livro”.

Em outubro do mesmo ano, Bolsonaro declarou que não compraria a vacina chinesa em testes para combater o novo coronavírus. “A da China nós não compraremos, é decisão minha”, declarou à rádio Jovem Pan, “[...] A China, lamentavelmente, já existe um descrédito muito grande por parte da população, até porque, como muitos dizem, esse vírus teria nascido por lá” acrescentou o presidente, sem apresentar provas. (O Globo, 2020)

Existe ainda a ideia de que os asiáticos, principalmente os japoneses, são a ‘minorias modelo’ (ITO, 2020). Considerados quietos e disciplinados, eles são usados como exemplo para inferiorizar etnias menos privilegiadas, como pretos e indígenas. Os elogios estereotipados, porém, mudam de forma quando os privilégios de grupos socialmente favorecidos, por exemplo, são ameaçados. Nesses casos, o asiático passa, em questão de instantes, de “inteligente e educado” para “xing ling” invasor.

5.3 Cultura e miscigenação

Com a vinda dos imigrantes japoneses para o Brasil, foi possível o rico intercâmbio cultural entre duas culturas totalmente distintas e, por vezes, até opostas.

No entanto, esta troca de experiências não foi possível desde sempre. Na Era Vargas, uma política nacionalista adotada pelo governo fez com que diversos decretos-lei fossem assinados a fim de eliminar as diferenças que pudessem existir entre a população brasileira e a estrangeira, exigindo que laços e costumes herdados de seu país de origem (no caso dos estrangeiros) fossem abandonados (WAWZYNIAK, 2004).

“A lei de imigração de 1938 (decreto-lei n.º 406, de maio, e complemento, decreto lei 3.010, de agosto) tinha como um dos objetivos centrais 'opor uma barreira ao impressionante afluxo do elemento japonês que demandara o Brasil e, ao mesmo tempo, reprimir as veleidades que sob a inspiração dos regimes vigorantes nos seus países, haviam despertado no seio das nossas populações de sangue alemão, nipônico e italiano'. Escreve-se ainda que o único país que oferecia oportunidades de imigrantes era o Japão, "aquele de onde menos convinha recebêssemos imigrantes". (CYTRYNOWICZ, p.152 apud WAWZYNIAK, 2004)

Muitos imigrantes, porém, resistiram às imposições do Estado e isso foi extremamente importante para a preservação de muitos valores e traços culturais nipônicos, contribuindo para a formação da etnicidade, segundo Wawzyniak (2004). Os japoneses se uniam para a manutenção de seus costumes em terras brasileiras e, nesse sentido, a repressão e a discriminação sofrida por essas pessoas contribuiu para o fortalecimento dos laços de solidariedade entre elas. “Os imigrantes lançaram mão da estratégia de aproximar-se de seus conterrâneos para viabilizar sua permanência em solo nacional, construindo, assim, uma rede de ajuda mútua” (WAWZYNIAK, 2004, p.72). Essa aproximação entre os nipo-descendentes deu início, então, ao processo de pertencimento a uma comunidade.

Segundo Woortmann (1995), o movimento migratório pode carregar uma série de conflitos, principalmente para aqueles que não retiveram integralmente os padrões éticos e estéticos japoneses. Tanto no Brasil, quanto no Japão, os nikkeis enfrentam uma identidade ambígua. Em 1993, um nipo-brasiliense deu o seguinte depoimento a Diniz:

“Brasileiro ou japonês? Bom, eu sou descendente, eu sou brasileiro. Eu não saberia definir realmente. Acho que não existe uma definição, ou japonês ou brasileiro. Acho que deveria haver a integração de todos eles. Eu não saberia definir. Eu acho que não me encaixaria em nenhuma das duas categorias. Eu poderia ser brasileiro, poderia ser japonês, tá? Então, acho que não...No Japão, eu serei brasileiro; eu acho que no Brasil sou visto como japonês. Quer dizer, sou o meio-termo. Eu não sei; eu não me definiria...é difícil definir” [DINIZ, 1993:1. Grifos da autora]

A dificuldade de definição de um nipo-brasileiro em falar sobre si mesmo encontra paralelos com o presente. É justamente neste ponto que a preservação de valores culturais japoneses, aliada à mesclagem com os valores brasileiros, pode ajudar na sensação de pertencimento dos nipo-descendentes que vivem no Brasil.

Para Wawzyniak (2004), a realidade vivida pelos imigrantes impõe uma pluralidade cultural,

“ao mesmo tempo em que ele tem de responder a sua situação específica. Nesses momentos se estabelece um processo de trocas sociais, os nipônicos selecionam elementos que podem ser inseridos ou acrescentados aos seus valores culturais aproximando e dando visibilidade aos traços distintivos” (WAWZYNIAK, 2004, p. 115)

Ou seja, a cultura de origem não é perdida, mas se acrescenta à cultura brasileira. O processo de construção da etnicidade vem dos valores dos japoneses, que lutaram por um espaço na sociedade brasileira e, para isso, precisaram se fortalecer enquanto indivíduos e enquanto comunidades colaborativas.

6. Procedimentos metodológicos

Para a elaboração deste projeto, foi feita a revisão bibliográfica voltada para a exploração das definições de fotografia documental e webdocumentário, além da contextualização histórica sobre a imigração japonesa no Brasil e no DF, e exploração de conceitos como identidade, xenofobia, preconceito, cultura e miscigenação.

Após a pesquisa bibliográfica, foram realizadas entrevistas com captação de vídeos e imagens de membros de famílias japonesas residentes no Distrito Federal, fotos de álbuns de fotografias antigas e algumas atividades que essas pessoas realizam. Paralelamente, foi feita a idealização do projeto de navegação do site que hospeda o trabalho, através da plataforma Wix.

Devido à pandemia de Covid-19, todas as medidas de higiene e segurança foram tomadas durante a captação das entrevistas, que foram realizadas quando os entrevistados já haviam tomado as duas doses ou dose única da vacina.

6.1 Etapas de pesquisa

6.1.1 Fase 1 - Coleta de informações

Para a elaboração do produto, primeiro, foi feita a pesquisa teórica a partir de conceitos que considerei importantes, tanto para o processo criativo, quanto para o ganho de conhecimento acerca do tema escolhido e preparação para as entrevistas. A imigração japonesa para o Brasil e para o DF nortearam boa parte da minha pesquisa documental. Busquei artigos relacionados no Google acadêmico, falei com a associação nipo-brasileira em Brasília e procurei por documentos históricos.

No entanto, apesar de acreditar que essa pesquisa prévia foi fundamental, ir a campo foi o que, de fato, me deu base para seguir com o trabalho, uma vez que conversar com as famílias nipo-descendentes, poder ouvir e contar suas histórias foi como viajar no tempo e poder registrar histórias reais, em tempo real.

Além disso, busquei me aprofundar em questões como identidade, memória afetiva e preconceito, uma vez que esses temas poderiam aparecer, direta ou indiretamente, durante as entrevistas.

6.2.2 Fase 2 - Gravações e edição do material

Para a elaboração do produto final, após pesquisa de referencial teórico, realizei entrevistas com algumas famílias de nipo-descendentes residentes no Distrito Federal. Conversei com as matriarcas e os patriarcas de algumas famílias, como a Yamaguti e a Matsunaga, ou seja, a 1ª geração nascida no Brasil.

Depois, entrevistei pessoas da 2ª e da 3ª geração, para saber como se sentem e comparar a percepção e vivência delas com a de seus pais ou avós. Cláudia Kahi, filha de imigrantes, me contou sobre a história de sua família, que veio para o DF cultivar alimentos em uma extensa chácara. Seu tio fundou o templo budista de Brasília.

Heitor Kanegae, também filho de imigrantes, foi batizado por Juscelino Kubistchek. A família Kanegae foi uma das primeiras famílias a serem convidadas pelo próprio presidente do país para cultivarem em solo brasiliense. Heitor quis continuar o trabalho iniciado por seus

pais e continuou firme na agricultura. Seus filhos, por outro lado, preferiram seguir outros caminhos, que não o do campo, o que, de certa forma, contribui para que a cultura familiar vá se perdendo, conta Heitor.

Além das entrevistas, fotografei as pessoas realizando suas atividades do dia-a-dia ou mesmo retratos delas em suas casas, sozinhas ou com a família. A fotografia documental me permitiu uma imersão ainda maior no íntimo de cada uma dessas pessoas. Acredito que, através de imagens, é possível comunicar o que as palavras não conseguem.

Conversar com os nipo-descendentes engrandeceu a pesquisa e a construção do trabalho e as as imagens foram capazes de complementar, de forma genuína, o retrato interior de cada uma das pessoas que me deram a honra de poder conhecê-las. E para as que eu já conhecia, percebi que ainda havia muito mais a conhecer. E isso me enche de vontade de saber cada vez mais.

6.2.3 Fase 3 - Criação do webdocumentário

Para criar o produto final, o webdocumentário “Brasília Amarela”, tive como base conceitos sobre webdocumentário e multimídia, bem como a relação destas modalidades com o jornalismo e de que forma eu poderia aplicá-las ao meu trabalho.

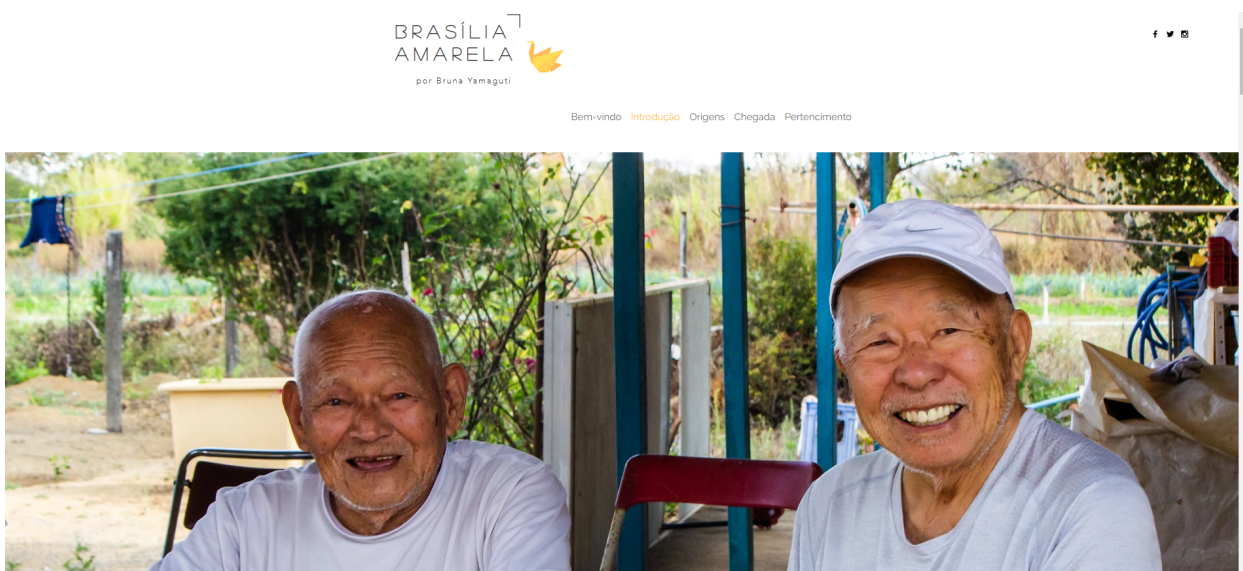
Meu principal objetivo era produzir uma obra audiovisual que dialogasse de forma genuína, tanto com os personagens que a integravam, quanto com o público com que ela iria interagir. Por isso, optei por editar as filmagens de forma que resultassem em vários vídeos de poucos minutos, para que as pessoas sintam maior facilidade para acessá-los e assisti-los onde, como e o quanto quisessem. Graças à internet e ao dinamismo da modernidade, as pessoas têm dado preferência a consumir conteúdos que consumam menos o seu tempo e que sejam mais acessíveis.

Além disso, como as pessoas as quais entrevistei eram, em sua maioria mais velhas, quis produzir algo que também não fosse complicado de entender ou acessar.

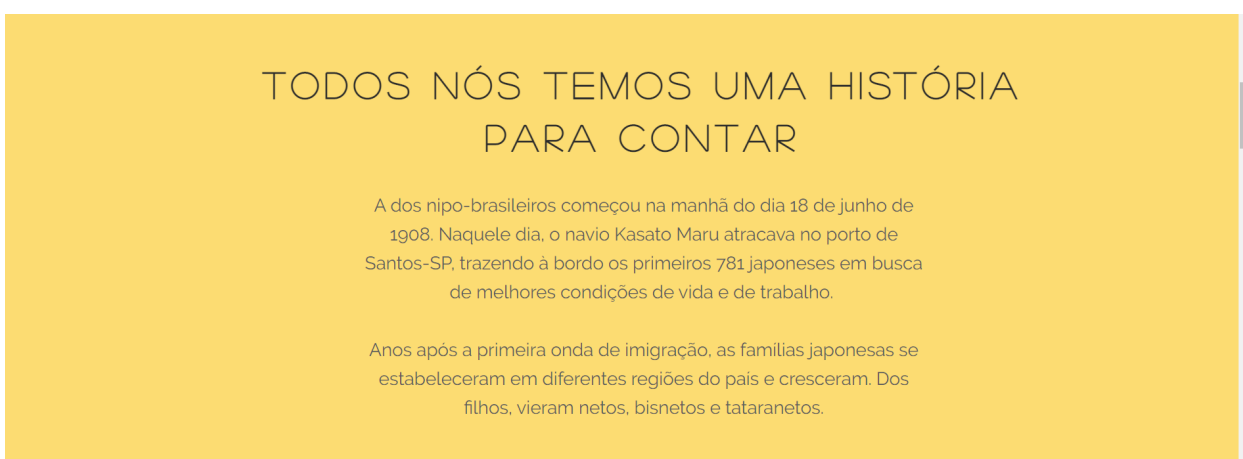
6.2.3. 1 Esquema de navegação

O esquema de navegação do webdocumentário baseia-se em uma página inicial com o título e vídeo sem áudio, apenas imagem, para introduzir o público ao tema, mas sem apresentá-lo completamente. Fiz isso porque acredito que, dessa forma, instigo a curiosidade do internauta em clicar no botão “Início” para conhecer mais e saber do que se trata.

Na página seguinte, de introdução, há seções divididas em abas na parte superior do site, a saber: Origens, Chegada e Pertencimento.



Na página de introdução, falo um pouco sobre a imigração japonesa para o Brasil e, em seguida, a vinda para o Distrito Federal.





No Distrito Federal, a história dos japoneses e seus descendentes inicia-se em 1957, três anos antes da inauguração de Brasília

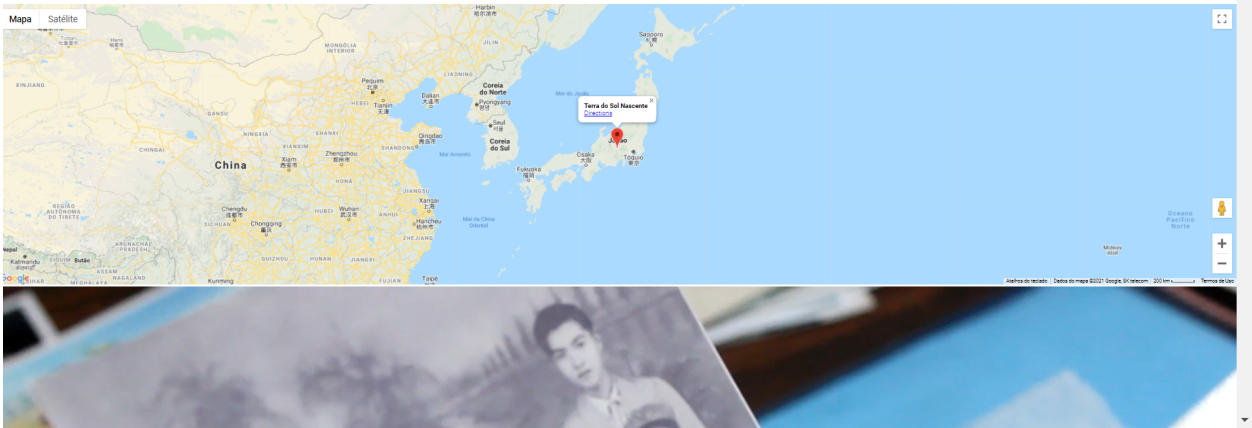
Em sintonia, enquanto as gerações se formavam, uma nova cidade também estava sendo criada.

E foi aqui, no lugar carinhosamente chamado de "quadrado", que alguns nipo-descendentes encontraram um lar.



Em “Origens”, nipo-brasileiros contam como e o porquê suas famílias decidiram imigrar do Japão para o Brasil, ou falam sobre sua infância e tradições do passado ligadas à cultura japonesa.

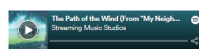
Além disso, há uma galeria imersiva de fotos antigas. Os visitantes do site podem navegar pelas imagens enquanto escutam uma música de um famoso estúdio de animação japonesa. A música escolhida me traz sensação de acolhimento e nostalgia e, por esse motivo, a escolhi.



"Toshinoban"



Do Japão para o Brasil



(Sugestão: ouça essa música enquanto vê as fotografias)

Em “Chegada”, os entrevistados falam sobre a vinda para Brasília e quais atividades desempenharam quando chegaram à capital.



Em Brasília o pessoal está ganhando dinheiro



À convite do presidente



Em “Pertencimento”, os entrevistados relatam situações específicas que viveram enquanto nipo-descendentes e imigrantes. Além disso, falam da mesclagem das culturas japonesa e brasileira e das sensação de integração e pertencimento. Com essa página, um dos principais tópicos a ser mostrado é o de identidade.



Brasileiro ou japonês? Bom, eu sou descendente, eu sou brasileiro. Eu não saberia definir realmente. Acho que não existe uma definição, ou japonês ou brasileiro. Acho que deveria haver a integração de todos eles. Eu não saberia definir. Eu acho que não me encaixaria em nenhuma das duas categorias. Eu poderia ser brasileiro, poderia ser japonês, tá? Então, acho que não... No Japão, eu serei brasileiro, eu acho que no Brasil sou visto como japonês. Quer dizer, sou o meio-termo. Eu não sei, eu não me definiria...é difícil definir

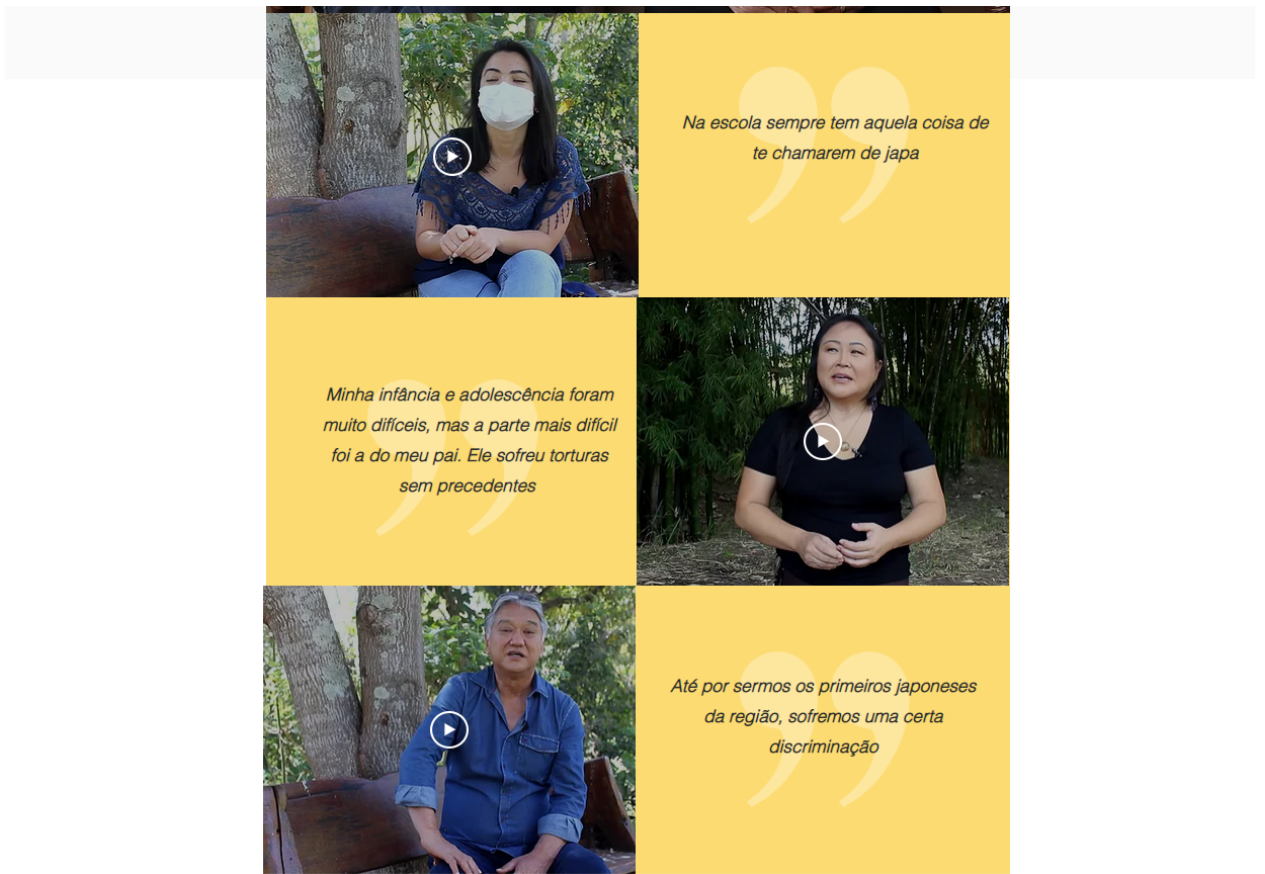




*O que acontece quando
as pessoas abrem seus
corações? Elas se tornam
melhores.*

- Haruki Murakami





6.3 Cronograma e conteúdo

Para a produção deste webdocumentário entrevistei quatro famílias e oito pessoas. São elas: Matsunaga - Yukiyo e Akiko; Yamaguti - Mário, Fernando e Rosa; Kahi - Cláudia; Kanegae - Heitor e Mayume.

Ao todo, foram gravados 60 vídeos. Destes, 23 foram para o ar. Os materiais utilizados para as filmagens foram uma câmera Canon semi-profissional modelo EOS Rebel T3i, um tripé e um microfone de lapela duplo.

<p>Fevereiro - Março - 2021</p>	<p>Referencial teórico</p>
--	-----------------------------------

Abril/Maio/Junho - 2021	Produção (entrevistas e captação de material - imagem, projeto gráfico)
Julho/Agosto - 2021	Pós-produção (edição do material)
Setembro	Pós-produção (finalização)

6.4 Orçamento

Tripé – 100 reais

Cartão de memória de 64 GB - 125 reais

Microfone de lapela duplo BOYA - 120 reais

Hospedagem do site - 74 reais

Gasolina - 100 reais

Total - 519 reais

7. Conclusão

Desde o momento em que decidi ter como tema a comunidade nipo-descendente, tive a certeza de que esse não seria um trabalho qualquer, tampouco fácil. Além de retratar um grupo que, por diversas vezes, é invisibilizado, meu objetivo era ainda maior, dar voz a esse grupo e despertar a empatia de quem nunca teve contato com ele. E mais, provocar a sensação de pertencimento daqueles que integram a comunidade, mas nunca, ou pouco, se viram retratados de forma acolhedora e que desse sentido ao percurso de cada um como imigrante em Brasília.

Infelizmente não posso saber exatamente o que os entrevistados sentiram. Também não posso saber, com precisão, o que o público sentiu ou sentirá ao ter contato com o webdocumentário. No entanto, posso afirmar que as minhas expectativas foram cumpridas na produção da obra, já que o meu entendimento enquanto filha, neta, jornalista e nipo-descendente foi ampliado.

Por meio de imagens, mostro e enxergo. Por meio de áudios, falo e dou voz. Assim foi criado o webdocumentário o qual tenho imensa satisfação em publicar. Acredito que este trabalho reúne um pouco de mim e do meu curso em cada detalhe. A multimídia, característica cada vez mais apreciada pelos profissionais de comunicação, revela infinitas possibilidades de se contar boas histórias.

A fotografia sempre foi importante para mim e poder usar este recurso foi engrandecedor para compor o produto final. As imagens dialogam com os relatos dos entrevistados e provocam sentimentos nostálgicos relacionados à memória afetiva. As entrevistas também foram imprescindíveis e acredito que, através delas, pude conversar com os personagens e os conectei às outras pessoas em uma ponte, que foi o webdocumentário.

Ressalto que o jornalismo foi fundamental, também, para a minha formação pessoal. Ser um jornalista é mais do que divulgar informações. É ser, acima de tudo, humano no exercício de procurar entender a sociedade.

No começo do curso, acreditava que não me encaixava no jornalismo. Hoje, vejo que a empatia foi o elemento decisivo para que eu passasse a me enxergar como uma verdadeira jornalista. Com este trabalho, tive a certeza de que não apenas pertencço ao jornalismo, mas ajudo a criá-lo, junto com todos os outros profissionais que acreditam na verdadeira essência da profissão.

Por esse motivo, fiquei satisfeita de poder realizar um webdocumentário que permanecerá na internet como uma amostra do meu potencial dentro do jornalismo, além de deixar esse legado para as pessoas que generosamente cederam seus depoimentos para essa empreitada.

“Brasília Amarela: Um Webdocumentário sobre a Comunidade Nipo-descendente do Distrito Federal” representa um encontro sincero comigo mesma e com o outro. Fui em busca de aprendizado, independência e especialização. Como resultado, ganhei ainda mais do que esperava: eu me aproximei das minhas origens e cresci como pessoa.

Ao ter contato com tantas vivências e histórias diferentes, pude perceber que o mundo é muito maior do que eu achava que era. Deparar-me com isso foi como acender a luz de um quarto escuro, no qual eu estive durante um tempo.

Referências bibliográficas

ARAUJO, Bruno Vinelli Nunes de Oliveira; COSTA, Robson Xavier da. **Memória Afetiva na era da Fotografia**, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB, Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste. São Luís, MA – 30/05 a 01/06/2019

AZUBEL, L. L. R. Jornalismo de revista: um olhar complexo. **RuMoRes**, [S. l.], v. 7, n. 13, p. 257-274, 2013. DOI: 10.11606/issn.1982-677X.rum.2013.58942. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/Rumores/article/view/58942>. Acesso em: 19. dez. 2020.

BARROS, Myriam Moraes Lins de. **Memória e Família**, Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.2, n.3.1989, p. 29-42.

BARTHES, Roland. **A Câmara Clara: nota sobre a fotografia**/ Roland Barthes: tradução de Júlio Castañon Guimarães - Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

CANAVILHAS, João. **Webjornalismo: Considerações gerais sobre jornalismo na web**. 2003. Disponível em: https://ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/4358/1/CAP%c3%8dTULO_WebjornalismoConsi%c3%a7%c3%b5esgerais.pdf. Acesso em: 27.out.2021

CROCHIK, José Leon. **Preconceito, indivíduo e cultura**. 2. ed. São Paulo:Robe Editorial, 1997.

DANTAS, Sylvia. **PANDEMIA, MENTIRAS E XENOFOBIA: A SAÚDE PÚBLICA REQUER INTERCULTURALIDADE**, Migrações internacionais e a pandemia de covid-19, São Paulo, 2020.

DE LA GARZA, Cecília. **Xenofobia**. **Revista Laboreal**, pp. 86-89, 2011. Disponível em: <http://laboreal.up.pt/?UDSID=%A7%A7%A7%A7002011302000250000032769%A7%A7%A7%A7>. Acesso em: 30/11/2020

DOS SANTOS TOMAIM, Cassio. **O documentário como chave para a nossa memória afetiva**, Intercom - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, vol. 32, núm. 2, julho-diciembre, 2009, pp. 53-69. Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação São Paulo, Brasil. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/698/69830992004.pdf>

DINIZ, D.J. **"Por que minha bonequinha Singu volta ao Japão?"**, Japão: informativo Econômico, Vol. 5, Nº 14, 1993

Especial Imigração Japonesa. Edição especial do Portal Nippo-Brasil, 2020. Disponível em: https://www.nippo.com.br/4.imigracao_japonesa/

EMERIM, Cárlica; CAVENAGHI, Beatriz. **Contribuições da linguagem dos webdocumentários para o webjornalismo audiovisual**, Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, Florianópolis, Santa Catarina, 2012. Disponível em:

https://www.academia.edu/3419833/Contribui%C3%A7%C3%B5es_da_linguagem_dos_web_document%C3%A1rios_para_o_webjornalismo_audiovisual

FELIZARDO, Adair; SAMAIN, Etienne. **A fotografia como objeto e recurso de memória**, Discursos Fotográficos, Londrina, v.3, n.3, p.205-220, 2007.

GELONEZE, Bruno; YAMANAKA, Ademar. **Cem anos de imigração japonesa no Brasil: lições sociometabólicas**, Arquivos Brasileiros de Endocrinologia & Metabologia, 2008.

ITO, Carol. **Meu nome não é japa: preconceito amarelo**. Revista Trip no. 286. 12 de março de 2020. Disponível em:

<https://revistatrip.uol.com.br/trip/meu-nome-nao-e-japa-o-preconceito-amarelo>

JENKINS, H. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

KAKUTANI, Michiko. **A Morte da Verdade**: notas sobre a mentira na era Trump. 1ª edição. Rio de Janeiro, RJ: Editora Intrínseca LTDA, 2018.

MYLIUS, Leandra. **A imagem que permanece, a narrativa que interpreta: estudo antropológico da memória afetiva da guardiã dos retratos de família**, Trabalho de Conclusão do Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2000. Revista Iluminuras - Publicação Eletrônica do Banco de Imagens e Efeitos Visuais - BIEV/LAS/PPGAS/IFCH/UFRGS. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/30229/000672321.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

NOGUEIRA, Leila. **O webjornalismo audiovisual : uma análise de notícias no UOL News e na TV UERJ Online**, Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Comunicação e Culturas Contemporâneas, da Faculdade de Comunicação, da Universidade Federal da Bahia, 2005. Disponível em:

http://gjol.net/wp-content/uploads/2012/12/2005_nogueira_dissertacao.pdf

O GLOBO, **Bolsonaro diz que governo não comprará Coronavac mesmo se vacina for aprovada pela Anvisa**, 22 de outubro de 2020. Disponível em:

<https://oglobo.globo.com/saude/coronavirus/bolsonaro-diz-que-governo-nao-comprara-corona-vac-mesmo-se-vacina-for-aprovada-pela-anvisa-1-24705798>

ODA, Ernani. **Interpretações da “cultura japonesa” e seus reflexos no Brasil**. Revista Brasileira de Ciências Sociais. Volume 26, número 75. 1-16, fevereiro/2011.

OLIVEIRA, Luiz Fernando de. **Webdocumentário: uma proposta para situar o jornalismo em narrativas interativas de caráter documental**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2017.

RIBEIRO, Gustavo. **Do Kasato Maru ao Planalto**, Revista Campus Repórter, ano 2, n. 2, 2008, pp. 10-11.

SAKAMOTO, Leonardo. Surto de coronavírus lembra racismo e xenofobia contra orientais no Brasil. **UOL**, 2 de fevereiro de 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/leonardo-sakamoto/2020/02/02/surto-de-coronavirus-lembrar-racismo-e-xenofobia-contra-orientais-no-brasil.htm> . Acesso em: 26/11/2020

SANTANA, Sabrina Bezerra. **Xenofobia no Brasil e a aplicabilidade da lei nº 7.716/89**, Bacharelado em Direito, CENTRO UNIVERSITÁRIO TABOSA DE ALMEIDA – ASCES/UNITA, Caruaru, 2019. Disponível em: <http://repositorio.asc.es.edu.br/bitstream/123456789/2152/1/TCC%20FINAL%20pdf.pdf>

SANTOS, Cleusa. **Série assistente social no combate ao preconceito: xenofobia**. Apoio CFESS - Conselho Federal de Serviço Social. Caderno 5. Ed. Serra Dourada. Brasília – DF, 2016.

SASAKI, Elisa Massae Pinheiro. **“Ser ou Não Ser Japonês? A Construção da Identidade dos Brasileiros Descendentes de Japoneses no Contexto das Migrações Internacionais do Japão Contemporâneo”**, Tese de Doutorado em Ciências Sociais apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2009.

SILVA, Lucas Moreira Silva. **A imigração japonesa como fator de influência para o desenvolvimento da agricultura familiar: estudo de caso da zona rural de Brazlândia – DF**, Monografia (Bacharelado/Licenciatura em Geografia), Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais** /Tomaz Thadeu da Silva (org.), Stuart Hall, Kathryn Woodward.- Petrópolis, RJ: Vozes, 2000

SOUSA, Jorge Pedro. **Fotojornalismo: uma introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa**, Porto: Letras Contemporâneas, 2002.

SUZUKI, Teiiti. **A Imigração Japonesa no Brasil**. Revista Do Instituto De Estudos Brasileiros, (39), 57-65, São Paulo, 1995. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/72056/75297>

SCHWAAB, Reges Toni; TAVARES, Frederico de Mello Brandão. **O tema como operador de sentidos no jornalismo de revista**. Revista Galáxia. São Paulo, n. 18, p.180-193, dez. 2009.

Após acusações de xenofobia, Trump deixa de chamar coronavírus de "vírus chinês". **UOL**, 25 de março de 2020, Disponível em:

<https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/efe/2020/03/25/trump-deixa-de-chamar-coronavirus-de-virus-chines.htm>. Acesso em: 26/11/2020.

PAZ, André; SALLES, Julia. **Dispositivo, acaso e interatividade por uma estética relacional do webdocumentário**, Doc On-Line: revista digital de cinema documentário, v. 14, p. 33-69. Disponível em: http://www.doc.ubi.pt/14/dossier_andre_paz.pdf

TOMAIM, Cassio dos Santos. **O documentário como chave para a nossa memória afetiva**. Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, São Paulo, v.32, n.2, p. 53-69, 2009

URBANSKY, Soren. **Coronavírus: como o surto está espalhando antigos preconceitos sobre a China e seus hábitos culturais**. [Entrevista concedida a] Mariana Alvim. BBC News Brasil, São Paulo, 31 de janeiro de 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-51305487>. Acesso em: 26/11/2020

WAWZYNIAK, Sidinalva Maria dos Santos, **Histórias de estrangeiro : passos e traços de imigrantes japoneses (1908-1970)**, Tese apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Doutor em História, no Programa de Pós-Graduação em História, Linha de Pesquisa Espaço e Sociabilidades, do Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/19142/R%20-%20T%20-%20SIDINALVA%20MARIA%20DOS%20SANTOS%20WAWZYNIAK.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

WOORTMANN, Ellen F. **Japoneses no Brasil/Brasileiros no Japão: Tradição e Modernidade**, Revista De Antropologia, vol. 38, no. 2, 1995, pp. 7–36. Disponível em: www.jstor.org/stable/41616168

ANEXOS

Anexo A - Making Off







Anexo B - Roteiro de perguntas

entrevista

- 1 - Quando e como sua família veio para o Brasil? Por quê?
- 2 - E para Brasília?
- 3 - Pode contar um pouco sobre seu Tio e a construção do templo Budista?
- 4 - Quais atividades a sua família desempenhava e desempenha hoje? Como é o seu dia a dia?
- 5 - Quais tradições da cultura japonesa foram mantidas?
- 6 - Você acha que a manutenção de costumes e a união da comunidade nipo-descendente é importante para a preservação de cultura japonesa? Da preservação da identidade também
- 7 - Você já sofreu algum tipo de preconceito? E a sua família?
- 8 - Qual a importância da cultura japonesa p/ você?
- 9 - O que foi incorporado da cultura brasileira?
- 10 - Qual a sua relação com a cultura japonesa?

